



Sem arrependimento. Marcondes e Gérson exibem as cicatrizes: eles dizem que a experiência foi 'fantástica' e nunca viram tanto dinheiro na vida

TRÁFICO COMPROU RIM NO PAÍS POR US\$ 6 MIL

Jamil Chade / TEXTOS
CORRESPONDENTE / GENEBRA
Pablo Rey / FOTOS

Documentos obtidos pelo 'Estado' mostram detalhes de rede internacional que retirou rins até de menores de idade no Brasil

Seis mil dólares pelo rim de um brasileiro. Foi o que um grupo de traficantes internacionais pagou a mais de cem brasileiros para venderem seus rins. Os órgãos eram então transportados até a África do Sul e de lá revendidos especialmente para pacientes de Israel, por até US\$ 120 mil, 20 vezes mais do que os brasilei-

ros recebiam. O esquema, que no Brasil foi desarticulado pela Polícia Federal na Operação Bisturi, em 2003, rendeu aos traficantes e ao hospital mais de US\$ 4 milhões. A empresa que promovia o esquema já foi condenada a pagar mais de US\$ 1 milhão em multas diante de um tribunal na África do Sul.

Documentos do processo obtidos pelo **Estado** revelam uma rede internacional que retirou rins até mesmo de meno-

res de idade no Brasil. O fenômeno preocupa tanto a Interpol quanto a Organização Mundial da Saúde, que insiste na necessidade de um tratado internacional para atacar o problema. Em geral, os criminosos têm um sistema bem organizado e se aproveitam da pobreza de certas regiões do planeta.

Por enquanto, as organizações criminosas são apenas processadas em seus países, sem que toda a rede seja desman-

telada. No caso que envolve o Brasil, os traficantes de órgãos são alvo de um processo legal na África do Sul e a empresa tida até então como uma das melhores administradoras de hospitais do continente – a Netcare – revelou que de fato atuou na compra e venda de rins.

Documentos dos investigadores mostram que a rota do tráfico tinha origem no Brasil, mais precisamente na periferia do Recife. Entre 2001 e 2003, 109

'VENDI POR UM PREÇO JUSTO'

Angela Lacerda / RECIFE

“Meu rim não foi barato”, diz Gérson Luiz Ribeiro de Oliveira, de 45 anos, o primeiro a vender um rim no esquema internacional de tráfico de órgãos envolvendo doadores da periferia do Recife, desbaratado pela Polícia Federal na Operação Bisturi em 2003. Ele acrescenta: “Teve um preço justo.” Gérson recebeu US\$ 10 mil, em tempo de dólar valorizado. “Abri o caminho”, lembrou, na oficina de funilaria do primo Marcondes Lacerda de Araújo,

de 42, com quem havia feito um trato. “Tu vai. Se for bom, eu vou”, disse Marcondes então.

“Vamos nessa”, respondeu Gérson a um ex-capitão da Polícia Militar que convidou os dois primos a vender o órgão. Gérson viajou para Durban, na África do Sul, para retirar um rim, recebido por uma israelense. Fez a cirurgia em agosto de 2002, no Hospital St. Augustine, e voltou com dinheiro e histórias que pareciam impossíveis.

Mecânico de motor diesel, estava sem emprego na época. Ficou hospedado em um hotel cinco-estrelas à beira-

mar e tinha um cartão de crédito, sem custos, com que pagava as contas. A operação correu bem. Passou entre 30 e 40 dias na África do Sul.

A experiência do primo levou Marcondes a seguir o exemplo pouco tempo depois. Ele ficou quase dois meses em Durban. Não recebeu os mesmos US\$ 10 mil – levou US\$ 6 mil –, nem ficou hospedado em hotel cinco-estrelas, mas também recebeu um cartão de crédito.

Hoje os dois carregam cicatrizes de 40 centímetros no corpo, mas suas vidas não indicam mudança. “Ninguém

enriqueceu”, garante Marcondes. Nenhum dos dois se arrepende do que fez. Fariam tudo de novo, não fosse a prisão. Os dias presos, as acusações, os depoimentos à Justiça e as CPIs que investigaram o caso não destruíram o que eles consideram “a experiência mais fantástica” que tiveram na vida.

“Nunca tinha pego em tanto dinheiro”, dizem, ao destacar a chance de ter conhecido outra cultura. Para Marcondes, ficou o sentimento de ter ajudado alguém. “Ajudei a salvar uma pessoa.” No caso, uma jovem israelense que já havia perdido uma perna para a doença e com quem tirou fotos depois da cirurgia. “Não há crime nisso”, afirma Marcondes.

A retirada de um rim não lhes impôs

limites ou restrições. “Não jogo futebol, porque não gosto”, garante Marcondes. “Bebo, fumo, danço e trabalho.”

Gérson diz que cinco dias depois de retirar o rim esquerdo tomou cinco litros de cerveja, ainda em Durban, sem problemas. Leva vida normal. “Pelo menos até agora”, afirma ele.

Trauma. Para Rogério Bezerra da Silva, a experiência em Durban, ao contrário, foi traumática. Ele estava na cidade quando a organização criminosa foi desbaratada. Voltou para casa, no bairro de Jardim São Paulo, sem um rim e sem o dinheiro, que foi confiscado.

Falecimentos

Para publicar anúncio fúnebre: Balcão Igatemi – Shopping Igatemi 1a - 04, tel. 3815-3523 / fax 3814-0120 – Atendimento de 2ª a sábado, das 10 às 22 horas, e aos domingos, das 14 às 20 horas. Balcão Limão – Av. Prof. Celestino Bourroul, 100, tel. 3856-2139 / 3857-4611 / fax 3856-2852 – Atendimento de 2ª a 6ª das 9 às 19 horas. Só serão publicadas notícias de falecimento/missa encaminhadas pelo e-mail falecimentos@grupoestado.com.br, com nome do remetente, endereço, RG e telefone



Uma vida dedicada à saúde dos animais

Formada em Medicina Veterinária pela USP, **Maria Thereza Iorio Terreran** especializou-se em animais de grande porte como gado e cavalo. Durante anos trabalhou no labo-

ratório Vallée, em que desenvolveu vacinas, como a que combatia a salmonelose bovina. Chegou a passar um tempo na França, no Instituto Pasteur de Paris, para aprimorar em técnicas mais avançadas na área.

A Europa, no entanto, não era seu único destino. Viajava com frequência a trabalho, o que a permitiu conhecer países como China e Japão.

Até o dia 5, quando morreu, Maria Thereza estava dedicada aos animais: preparava o lançamento de uma ração orgânica para cães. Aos 51 anos.

Palmyra Mozaner de Magalhães – Aos 96 anos. Filha de Manoel Mozaner e Irene Mozaner, era viúva de Antonio Pereira de Magalhães. Deixa os filhos Luiz Antonio, Mirtes, Maria Silva, Angela, netos e bisnetos. O enterro foi no Cemitério da Paz.

Ana Caetana da Silva – Aos 89 anos, era solteira. Deixa dois filhos e familiares. O enterro foi no Parque dos Ipês Cemitério e Crematório.

Odette Simões Barreto – Dia 7, aos 88 anos. Deixa filhos, netos, bisnetos e tataranetos. O enterro foi no Crematório e Cemitério Parque Paulista.

Antonia Gonçalves Rodrigues – Dia 6, aos 81 anos. Filha de Virgílio Bragante e Angela Modesto. Deixa filhos e familiares. O enterro foi no Crematório e Cemitério Parque Paulista.

Nilva Gentil Hirata – Aos 74 anos, era viúva. O enterro foi no Crematório e Cemitério Parque Paulista.

Maria Nilde Silva Galvez – Aos 52 anos, era viúva de Cristobal Del Carmen Galvez Leal. Deixa três filhos e familiares. O enterro foi no Parque dos Ipês Cemitério e Crematório.

Francisco Lopes Lainez – Dia 5,

aos 95 anos. Filho de Francisco Lainez e Antonia Lopes, era viúvo de Maria Eva Pedrozo Lainez. Deixa as filhas Janete e Marlene. O enterro foi no Cemitério da Paz.

MISSAS

Mercedes Pereira Pupo Nogueira – Amanhã, às 12 horas, na Igreja São José, na Rua Dinamarca, 32, Jardim Europa (7ª dia).

Carin Frese Nogueira – Hoje, às 9h em alemão e às 10h30 em português, na Igreja da Paz, na Rua Verbo Divino, 392, Granja Julieta (em memória).

Nadir Leme Duarte Moraes –

Hoje, às 18 horas, na Paróquia Nossa Senhora do Carmo da Aclimação, na Rua Brás Cubas, 163, Aclimação (7ª dia).

Wilson Riviello – Hoje, às 20 horas, na Paróquia Nossa Senhora da Saúde, na Rua Domingos de Moraes, 2387, Vila Mariana (7ª dia).

Augusto Riviello – Hoje, às 20 horas, na Paróquia Nossa Senhora da Saúde, na Rua Domingos de Moraes, 2387, Vila Mariana (30ª dia).

Jovelino Moraes de Camargo Neto – Amanhã, às 17 horas, na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Rua Honório Líbero, 100, Jardim Paulistano (7ª dia).